2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 33. QUINTA FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

AGRICULTURA EM PORTUGAL PELO SYSTEMA LOMBARDO.

(Continuado de pag. 376.)

TRACTAMENTO DAS VIDEIRAS.

A experiencia, que tenho colhido na applicação de certas regras, convenceu-me de tractar as videiras novas do modo que vou explicar, a menos que circumstancias particulares e locaes obriguem a pratica diversa.

No primeiro anno, depois de uma boa plantação, costumo cortal-as e deixar-lhe uma só gema ou olho. Os felizes resultados que disto tirei animaram-me a continuar o ensaio, e sempre obtive bons effeitos.

No segundo anno, por occasião do novo rebentão, deixo só dois olhos, ou rebentos, e faço o córte algum tanto em cima para que o humor lymphatico não venha a fazer-lhe mal; e se houverem mais olhos deverão ser cortados, e deixar só dois que devem formar os braços para o anno futuro.

Neste segundo anno vejo a que uso devo adaptar a vide para a saber regular, se em festões, grinaldas, parreiras, ou em vinha rasteira como aqui se usa; e segundo o caso assim corto a planta. Se adoptei o ultimo systema, então deixo chegar os dois braços a ponto que se enramem, ficando rasteiros, mas que se dilatem. Praticando assim, tenho no terceiro anno dois braços muito bons em cada uma vide. Tambem se podem alcançar logo no segundo anno de plantação. Estendidos pois estes braços, vejo-os com satisfação carregados de cachos na estação propria.

No terceiro anno, corto uma vara deixando a outra livre para a vegetação, e a cortada deverá ficar com dois olhos, dos quaes devem sahir os dois braços ou varas para o quarto anno futuro, em anto que os outros produzem fructo.

No quarto anno principio uma poda diligente e cuidadosa, porque neste anno a nova vide sahe da primeira educação, para assim dizer, e entra no regimen da poda, como todas as mais arvores fructiferas.

Deixar a vide sem tractamento até ao terceiro anno como muitos praticam é um mal assás grave, e contra todas as regras e prescripções dos melhores agricultores. Por deixarem a vide ramificar-se, e cortal-a depois no terceiro anno de plantação, acontecem os seguintes damnos.

1.º O largo golpe que se lhe faz na primeira operação é já por si mesmo um grande mal, por que a tenra planta não póde cubrir a grande ferida, e deixando-a exposta á acção da atmosphera, introduz-se-lhe o ar, e gera o chamado carbunculo, doença que em pouco tempo reduz a planta á ultima extremidade.

2.º Porque os braços velhos não tendo olhos como os novos, retarda-se muito o desenvolvimento da vide.

Por estas duas causas durante a curta existencia da vide fica sempre soffrendo, e não adquire aquella côr avermelhada como deve ter, ficando com um exterior poroso que dá receptaculo a uma grande quantidade de insectos, além de se perderem dois annos de fructos. Esta é a comparação que ha a fazer com o systema por mim adoptado, e seguido pelos mais acreditados auctores, e por elles recommendado.

Deixando ao contrario um rebentão até ao terceiro anno, e sendo a vide tractada como expuz acima, reforça-se cada vez mais, gozando dos humores só da planta; vegeta e cresce prosperamente com bella apparencia, tendo uma excellente côr, e o exterior limpo de longas excrescencias, que com muita facilidade podem ser tiradas para a conservação da planta, e para impedir a affluencia dos insectos. Não fica uma figura informe, mas sim bem organisada no tronco, e nos ramos. Alguns talvez duvidem do meu processo, mas a experiencia que tive, com o meu mestre o Conde Verri,

me persuade e justifica. Em prova de quanto expuz, referir-me-hei ao sobredito meu mestre, um dos mais doutos, e mais praticos vinhateiros italianos, que se explica assim na sua obra intitulada: *Conselhos de Agricultura Pratica* a pag. 231 § 34. « Estas maximas são maravilhosos remedios para os males habituaes das vinhas; mas a maravilha não póde destruir a verdade do facto comprovado com a minha experiencia de 40 annos; e tu, oh joven, deixa-os declamar, executa diligentemente estas faceis operações e triumpharás. Ouvirás muitas coisas em contrario, não as contraries com tenacidade, mas trabalha com diligencia. Deixar um só olho parece coisa imprudente, se este morre, dizem elles, eis perdida a vide; mas dizem mal, porque a vide produzirá outros olhos; e porque melhor seria perder alguma vide do que formar a vinha com plantas não bem organisadas, com muita perda de tempo e de trabalho. »

Com grande satisfação, pois, vi que o auctor francez Gasparin, e os illustres escriptores portuguezes, srs. Antonio Lobo de Barbosa Teixeira Gyrão, hoje visconde de Villarinho de S. Romão, e conselheiro, José Maria Grande, todos vão de accordo nesta doutrina; ambos a explicam e aconselham seguil-a, e amplial-a, assegurando bom exito, e uma grande quantidade de fructo; e que, finalmente, o agricultor terá a adega cheia de bom vinho.

CREAÇÃO DAS AMOREIRAS.

Muito importante é uma similhante operação para as amoreiras, sendo uma das mais uteis e cautelosas amputações, que requer pratica e theoria ao mesmo tempo. Seria enfadonho e extenso se quizesse expor aqui tudo quanto este artigo requer; appresentarei por consequencia os principaes trabalhos a que se deve sujeitar esta planta tiliosa.

Nascidas no viveiro, as plantas tenras devem nelle ficar dois annos, e não se deve mecher n'ellas, senão para desbastar, e formar os viveiros; porém, no segundo anno no tempo da primavera, dever-se-hão cortar todas junto á terra, e enxertar-se-hão ou a anel ou com outro systema. No terceiro, quarto e quinto anno deixa-se crescer a haste até aquella altura que as circumstancias do paiz exigirem; corta-se a cabeça que faz e limpam-se dois rebentões que podem nascer na haste da planta nova.

E' nesta occasião que se deve fazer a escolha das amoreiras que devem ficar de haste alta *(alto fusto)* ou baixa *(basso fusto)*. Olhe-se para os braços que a planta deitou, e dever-se-hão cortar, para formar a coroa da planta; e na occasião do corte, se terá em vista fazel-o sempre mais perto á gemma ou olho que fôr possivel; e se deverão ter sempre livres dos rebentões e limpas das más hervas, sachando duas ou tres vezes no anno, e mais se a necessidade o requerer.

No sexto e setimo anno passam-se do viveiro ao campo, no qual se continua a operar sobre os braços, até o oitavo anno, formando assim uma larga copa, para que dê abundante quantidade de folha.

ENSINO DE OITENTA BOIS PARA O TRABALHO, COM O ARADO DE DOMBASLE, E PARA OUTROS SERVIÇOS.

Em consequencia das determinações de s. ex.ª o sr. duque para ampliar a cultivação das terras incultas o mais que fosse praticavel, era meu dever pensar primeiro que tudo no modo de reunir as forças necessarias para este fim, especialmente gado de trabalho.

Quando tomei posse da administração, existia um só curral, contendo a pequena quantidade de dez bois mansos, e outros bravos, que andavam a pastar nas charnecas. Representar a s. ex.ª que era necessario comprar um conveniente numero de bois mansos · construir um curral relativamente grande e arranjar as devidas forragens; era empenhal-o n'uma despeza muito forte, que podia fazer nascer difficuldades, estando então ausente de Portugal o sr. duque. Para obviar a tudo isto, pensei no expediente de domesticar os sobreditos oitenta bois bravos, que me pareciam sufficientes para os trabalhos; assim fiz, e os resultados corresponderam ás minhas esperanças. Nesta minha empreza o maior obstaculo e resistencia que tive a vencer, foi aquella repugnancia habitual, que ha em todos os paizes para as coisas novas.

Principiei, pois, com um só arado puchado por bois mansos, e guiado pelo abegão, o qual ao principio fez observações em contrario, como era de esperar, ao que respondi: « Veja se me lavra esta pequena porção de terra com aquelle arado, depois lhe darei um cruzado novo; » e para lhe demonstrar mais claramente o que eu desejava, fiz eu mesmo alguns regos. Tomou com fervor o arado, e em menos tempo e com menos fadiga que elle pensava estava o trabalho acabado.

No dia seguinte fiz a escolha de dez homens que julguei os melhores para este fim; mostrei-lhes o trabalho feito anteriormente, e outro similhante que o abegão estava repetindo, todos quizeram espontaneamente experimental-o, e era isso mesmo que eu muito desejava. Quando julguei necessario, fiz suspender o trabalho, mas antes de se retirarem disse-lhes: « amanhã em campo aberto no Sobral, vós todos deveis fazer uma experiencia egual, cada um, com um arado como este; mas o que mais interessa, é o fim para que vos escolhi de preferencia, e porque vos reconheço bons e intelligentes lavradores, portanto sabereis desempenhar esta incumbencia, não só trabalhando com os novos arados, mas tambem com bois bravos. » Não tinha acabado de proferir a ultima palavra, e todos romperam em gritos de admiração, e com risadas. Então acrescentei: « vejo que deveis ter um trabalho penoso, mas não impossivel de executar; mas por isso cada um de vós receberá todos os dias a gratificação de um tostão além da feria semanal. » Ouvindo fallar na gratificação de um tos-

tão, abriram os olhos, e começaram a mostrar-se satisfeitos. » Mas reparem, continuei eu, que sendo bois bravos, são precisos seis em cada arado, e no meio collocarei ainda os mais indomitos, isto é dois novilhos. »

Parecia ao principio que quizessem fazer resistencia, mas esta cessou, quando me ouviram pela terceira vez estas palavras: « Para guiar seis desses indomitos bois ha necessidade de dois homens de cada lado e de um homem adiante para dirigil-os em caminho direito, e por isso deixo-vos a escolha destes homens de vossa maior confiança, os quaes terão tambem um augmento de paga de 40 rs. por dia. » Quando acabei de fallar e os mandei retirar, foram commentando a minha proposta, cada um a seu modo e cheios de admiração. No dia seguinte estava preparado um espectaculo inteiramente novo; pois que o apanhar os bois, e prendel-os ao jugo não foi obra de pouco tempo, passando-se por muitos perigos. Ao primeiro toque de movimento, era para vêr 60 bois arremeçarem-se para diante como furiosos, que parecia quererem voar, e não puxar o arado.

Os animaes tanto esforçaram que por vezes se quebraram os apparelhos, involvendo-se uns com outros. Era para ouvir o clamor de 40 homens, o mugido e o ruido dos bois tudo junto.

Isto produziu uma scena semi-séria, mas todas as difficuldades foram removidas com a promessa das gratificações. Estes bois, depois de um mez de aturado trabalho, pareciam cordeiros; porque em logar de seis para cada arado, bastavam quatro, havendo um só homem á lança, e um só conductor, já sem necessidade de augmento de paga, e trabalhando consecutivamente.

Este expediente foi tomado por necessidade, como já expuz. Porém, o continuo trabalho com os bois bravos, nunca será de verdadeira economia, em comparação com os bois mansos, pois que oitenta bois dos primeiros não fazem o mesmo trabalho que quarenta dos segundos. Os mansos fazem o trabalho duas vezes por dia, sem perda de tempo em prendel-os ao arado; poupam tambem o dobrado pessoal, que ha com os bravos; e produzem estrumes. Pela sua docilidade não causam tantas rupturas d'arados, carros, arreios, jugos etc., em quanto que os bravos não se prestam tanto ao trabalho, vão só pastar ás charnecas, ficam fracos, e não valem senão por metade dos mansos. Os seus estrumes ficam todos nos pastos incultos, o que é grandissima perda para a agricultura. Havendo dobrado gado emprega-se dobrado pessoal. Os bois bravos não resistem ao serviço dos carros. Foi por estas reflexões que s. ex.ª ordenou a construcção da grande abegoaria.

(Continúa.)

INSTRUMENTOS AGRICOLAS, MANDADOS A PORTUGAL PELO SR. GERALDO JOSÉ DA CUNHA.

(Continuado de pag. 375.)

SEMEADOR ESCOCEZ APERFEIÇOADO POR M. CLAES. — Quando se semêam os cereaes a lanço, uma parte da semente, enterrada mui profundamente, apodrecendo é improductiva, e outra parte ficando á superficie é comida pelos animaes; n'uns sitios as sementes muito bastas prejudicam-se reciprocamente, n'outros ficam demasiado espalhadas. É certo que com taes condições, que o mais destro cultivador não póde evitar, perde-se consideravel porção de semente, e da porção productiva não se obtém tudo o que poderia dar.

Aproveitar toda a semente enterrando-a a egual profundidade, e cobrindo-a perfeitamente; dar ás raizes, pela distancia entre as sementes e a separação dos regos, o espaço de que carecem para se dilatarem, e para absorverem, sem se prejudicarem umas ás outras, toda a nutrição que pódem tomar; facilitar a circulação do ar, tão necessario ás plantas; taes são os resultados que se alcançam com o uso do semeador, e que promovem para o lavrador economia de semente, e mais abundancia e melhor qualidade de producto quer em grão quer em palha. Resulta mais que as canas dos cereaes, melhor enraizadas e mais robustas, são menos sujeitas a acamar.

O semeador escocez aperfeiçoado por M. Claes é de todos os instrumentos deste genero o mais simples e o mais perfeito que se conhece; compoem-se de um caixilho que sustenta uma caixa destinada a receber a semente, e munida de dois braços ou alavancas, que se chamam mangas e servem para manejar o instrumento; na parte anterior da caixa entra uma prancha que tem nove orificios, separados de centro a centro oito decimos de um palmo, ou com sete orificios assim separados quasi um palmo, ou emfim com tres orificios separados dois palmos e quarto: uma chapa de ferro furada com o mesmo numero de buracos, e que corre sobre a prancha ou tabua mediante um braço ou alavanca, proporciona diminuir como se quizer a grandeza dos orificios e por consequencia regular a quantidade de grão que se quer semear.

Dentro da caixa ha um eixo, com tantos cylindros pequenos quantos orificios ha na prancha ou tabua, cada um guarnecido de oito pasinhas de ferro chamadas *palerons*; ajustam-se estes cylindros em frente dos orificios da tabua, e seguram-se na posição que se lhes dá por meio de um parafuso de pressão; o tronco das pequenas pás pega no eixo da roda da direita e gira com esse eixo sobre o qual a roda é fixada; mantem-se por dois arrimos ou descanços, um ao meio do comprimento, e outro na extremidade esquerda; resulta que, quando o semeador está em movimento, a roda da direita faz girar o tronco das pequenas pás que batem sem cessar as sementes e as fazem correr constantemente pelos orificios; a este respeito é bom observar que as pás são preferiveis ás colheres que se adoptaram n'outros semeadores; porque a semente tomada e expellida pela colher cahe n'um só ponto em vez de ser espalhada de um modo continuo.

O eixo do roda da esquerda e fixo nesta roda move-se como o de um carro ordinario.

Por baixo da caixa e em correspondencia com os orificios da parte anterior da mesma, estão collocadas outras tantas relhas, que abrem os regos onde as sementes são depositadas, e adaptam-se cada uma á extremidade de um disseminador, de folha de lata, cuja parte superior está em frente do correspondente orificio da caixa do semeador.

A semente agitada sem cessar pelas pequenas pás corre sem interrupção pelos orificios, cujas aberturas são reguladas por experiencia, cahe em os distribuidores ou disseminadores que a conduzem ao rego; e os regos são abertos a profundidade de uma, uma e meia, ou duas pollegadas, segundo se descem as relhas que os abrem.

A semente é coberta por uns tapadores collocados entre as relhas e para traz, e que constam de uma pasinha quasi vertical, soldada n'um varão horisontal, cuja extremidade, que é munida de uma charneira, é atravessada por uma tranca transversal fixa: um pezo que trabalha sobre o varão dá a força necessaria á pá para empurrar lateralmente a terra para os regos donde sahe: se a pá encontra alguma pedra, a charneira lhe permitte levantar-se diante do obstaculo, e depois torna a cahir pela acção do pezo.

Para que as relhas abram regos da profundidade que se pertende, uma corrente, que passa por debaixo do semeador, prende-se de uma parte a um gancho fixo debaixo do cofre do jogo dianteiro, e de outra parte a uma travessa de ferro que liga os dois braços ou alavancas; nesta extremidade a corrente é sustentada por uma móla que se apoia na travessa de ferro; a distensão da corrente substitue a acção de um pezo que pezasse sobre os braços ou alavancas para encravar as relhas na terra.

Quando o cultivador quer fazer voltar o instrumento, fecha os orificios distribuidores por meio da alavanca que os governa, depois levantando o bolso da corrente fórça a móla a passar pelo buraco, em cujo rebordo se appoia; sendo estirada a corrente por este modo, o cultivador póde levantar as alavancas e faz virar o instrumento, sem que as relhas e os tapadores toquem no chão. Quando o instrumento é levado ao campo, ou quando se recolhe á granja, é preciso desatar a corrente do jogo dianteiro, fazel-a passar por cima do cofre e engata-la no varal da direita, então as alavancas devem estar bastante alteadas para que as relhas não peguem na terra.

Tratando-se de variar o modo de distribuir as sementes, começa-se tapando os orificios, e retrahe-se a alavanca que governa a chapa de ferro que corre pela prancha. Levanta-se a pequena folha de lata debaixo da qual está a caravelha que segura cada distribuidor de folha, e tiram-se os distribuidores; correm-se os tres ferrolhos, e remove-se a prancha: levantam-se os tres feixos que seguram o tronco das pequenas pás, e depois levanta-se este mesmo pela esquerda e desprende-se do eixo onde encaixa pela direita; desapertando os parafusos de pressão, faz-se correr os cylindros das pasinhas ou para tirar alguns, ou para montar outros. Torna a assentar-se o tronco seguindo a marcha inversa, e tendo cuidado em que os parafusos de pressão estejam por cima, para que seja facil apertal-os. Colloca-se então a nova tabua, cujos orificios indicam a posição que deve occupar cada cylindro, seguram-se estes apertando os parafusos, e correm-se os ferrolhos.

Despegam-se as relhas ou deregadores, e dispoem-se as que se deixam, ou as que se accrescentam, de modo que correspondam aos orificios da prancha; depois poem-se os distribuidores.

Basta examinar os tapadores das sementes para perceber como se podem tirar ou repôr; não são precisos mais de 8 para 9 linhas, e 6 para 7 linhas; mas, quando se semeia só em tres linhas é conveniente pôr 6 tapadores, por consequencia dois para cada rego, um á direita e outro á esquerda.

Uma vez determinada a abertura que se ha de dar aos orificios das tabuas para certa sementeira, desaperta-se a porca do parafuso collocado ao pé do arco por onde passa a alavanca, e dispoem-se a peça de ferro que gira sobre a graduação em cobre, sustendo-a com o sobredito parafuso, de modo que sirva a reter a alavanca na postura que se pertende. Por este meio, quando o cultivador, depois de ter fechado os orificios, quer abri los, basta-lhe impellir a alavanca para a direita, contra a peça de ferro que se fez fixa; a graduação na chapa de cobre não tem outro objecto senão ajudar a memoria, porquanto, podendo a mesma qualidade de semente appresentar grandes differenças de tamanho, não é possivel determinar exactamente, e com antecipação, a graduação dos orificios.

Para completar esta noticia, eis alguns esclarecimentos ácerca das quantidades de sementes que se hão de empregar por hectare de terra (geira franceza) e as distancias entre os regos:

	N.º de regos.	*Distancia de regos.*	*Litros de semente.* [1]
Trigo de março (ou tremez)	9	$\frac{8}{10}$ de palmo	150
Cevada de março	»	»	»
Aveia	»	»	»
Favas, e ervilhas	»	»	200 a 250
Cenouras	»	»	»
Trigo do outono	7	um palmo	75
Centeio	»	»	100
Cevada de inverno	»	»	»
Nabos. [2]	»	»	200 a 250
Beterrabas	3	2 palmos $\frac{1}{4}$	10 kilogrammas. [3]

Para determinar os orificios de distribuição, faz-se rodar o semeador n'uma eira bem limpa, e quando tem percorrido 15 metros (sete braças escaças) a passo ordinario de cavallo, mede-se ou pesa-se a semente espalhada; deve esta corresponder a $\frac{1}{500}$ do que se deve semear por hectare: semea-se então uma certa extensão do terreno, e vê-se se o consummo corresponde á que se deve empregar para todo o terreno.

Está verificado que não póde gastar-se, usando do semeador, senão dois terços, quando muito, da quantidade de semente que se consomme espalhando-a a lanço, isto é, á mão; porquanto, nem se perde a

[1] 100 litros correspondem a 7 alqueires e um quinto de alqueire.

[2] Semeiam-se tambem os nabos em tres linhas, empregando-se 3 kilogrammas de semente por hectare, o que é mais exacto.

[3] Proximamente 21 arrateis e tres quartas.

que os passaros comem, nem a que apodrece por ficar muito enterrada.

ECONOMO. — Este instrumento é destinado a servir de auxiliar ao semeador; serve para tres operações que exigem as semeaduras em linha.

Quando está armado dos tres dentes de grade, amanha a terra mui rija e a torna mais penetravel ás chuvas.

Quando preparado com os pés ou garras do scarificador ou extirpador. serve para limpar de más hervas o terreno:

Finalmente, deixando cair sobre os pés do scarificador as pequenas aivecas dobradas, serve para limpar os regos e desapegar a terra que as aivecas ajuntam ao pé das plantas.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 378.)

O *Argos* a quem nada esquece, para provar quanto são immundas, e inconvenientes as fezes que Portugal aqui despeja, sustenta que os portuguezes são ignorantes, que trazem comsigo todos os elementos de opposição ás idéas do progresso e da liberdade; emfim, que são os fautores da tyrannia. Mas tem elle motivo para fallar assim?

A grande maioria dos labregos na edade em que deixa as suas aldêas não traz nenhumas idéas politicas. No seu espirito pódem, como n'um livro em branco, estampar-se idéas boas ou más conforme as circumstancias. Saiba porém o *Argos* que uma lei natural, a primeira de todas; uma lei que os homens pódem transgredir mas não mudar; logo os move a desejar o triumpho do lado que elle hostilisa, o do governo; e cuido que nisso os seus desejos conformam-se-lhes com o dever, e até com as opiniões do *Argos*. Se o estrangeiro não deve ingerir-se na politica interna, cumpre-lhe com tudo sempre obedecer ao governo estabelecido, seja qual fôr a sua politica.

Note porém o *Argos* que quasi todos os portuguezes de opiniões mais democraticas, apenas chegam ao territorio brazileiro, se não as mudam, pelo menos modificam-nas. E quem os move a isso? O instincto da conservação. Elles não tardam a saber que as agressões mais violentas contra os lusitanos partem do lado, cuja politica esposam os redactores daquella gazeta, e então vêem-se precisados a adoptar doutrinas mais moderadas. Quando a conservação da vida de um homem, ou mesmo a da sua tranquillidade entram em conflicto com as suas opiniões politicas, quasi sempre estas cedem.

Não falta comtudo aos partidos politicos um optimo meio de, nem nos desejos, terem os portuguezes por inimigos. Não os accarretem tão injustamente para as suas discussões; deixem-nos trabalhar livremente; não accusem, salvo os que infringirem as leis, e então creio que nem nos desejos haverá para elles tyrios nem troianos. Mas se apesar disso apparecer algum desmiolado que tolamente vá intrometter-se nas politicas dissensões dos brazileiros, mandem estes amarral-o no pelourinho, cuspam-lhe na face, e façam-lhe ainda peior, porque de alguma sorte o merecerá.

Não findarei este topico da defeza sem ao *Argos* observar, que ainda quando fôra certo que os campos de Portugal não produzissem senão plantas nocivas á liberdade, e fautoras da tyrannia, nos da terra de Santa Cruz tambem essa planta nunca foi, nem ainda hoje é exotica. Diversos brazileiros dos mais distinctos que vi em Portugal não sómente se mostravam implacaveis inimigos das republicas, senão ainda dos governos monarchicos constitucionaes.

Affirma o *Argos* que os portuguezes residentes no Brazil são mui ridiculamente arrogantes a respeito da ultima classe do povo brazileiro, que geralmente é d'outra côr (em tudo os collaboradores daquelle periodico manifestam a *benevola* tenção de tornar a gente de côr propicia a si e aos seus á nossa custa), mas affirma aquillo em que provavelmente não crê.

O *Argos* ao lêr isto talvez clamará que estou devassando o sanctuario da sua consciencia; mas quando o homem não vê porque não quer vêr: quando finge desconhecer os factos para affirmar o contrario do que elles significam, não póde estranhar que se entre na sua consciencia. Ora, os factos provam o contrario do que diz a gazeta a que respondo.

Percorram os redactores do *Argos* as officinas do ferreiro, sapateiro, alfayate, carpinteiro, marceneiro, ou quaesquer outras, e lá acharão muitissimos portuguezes, trabalhando no meio da gente de côr, ao passo que nenhuns, ou bem raros brasileiros brancos ahi topará. Percorram as quitandas, e ainda ahi encontrarão bastantes portuguezes que quasi sómente vivem com a ultima classe. E se o *Argos* averiguar bem, até por essas casas achará não poucos portuguezes cercados de filhos, mesmo legitimos, que pelo lado materno pertencem á raça africana. Logo os portuguezes não mereciam que os accusassem de arrogantes para com esta raça.

Quando, porém, similhante arrogancia fôra real não eram os redactores do *Argos* mui competentes para esta censura. Bem que nas suas columnas elles se arvorem em patronos officiaes da ultima classe, aonde estão os factos que demonstram ser sincero? Os redactores a que alludo fazem tanto cabedal dessa classe que, penso eu, nunca fizeram serviço em nenhum corpo da guarda nacional. E porque? suspeito que é por não terem ainda dragonas, que os livrem de entrar na fileira com esses a quem tanto incensam. Esta suspeita póde ser mal fundada, mas como tenho ouvido a diversos allegar esse motivo de não vestirem a farda, não admirará que por uns eu julgue os outros.

Os redactores do *Argos* não devem levar a mal que para repellir a sua accusação tão infundada, quão offensiva, eu me valha do facto de não terem elles servido na guarda nacional. Nada me importa que sirvam, ou não; mas importa-me a defeza de que tracto, cujos direitos são mui amplos. Eu precisava fazer ver que a tal arrogancia não existe: que o *Argos* attribuindo-a aos portuguezes, injuria-os: e que o zelo dos seus redactores não parece verdadeiro, visto o como elles, se não aborrecem a ultima classe, pelo menos fogem de servir, e viver com ella.

A melhor prova de ser amigo do povo, é fallar-lhe verdade nua e crua: é ensinal-o a obedecer ás

leis, e a ter amor ao trabalho. Indispol-o e excital-o contra o estrangeiro pacifico, que em vez de o prejudicar, antes lhe serve de estimulo para o mover a trabalhar, é trahir a causa do povo; é aborrecel-o e ser seu inimigo. Similhante politica chama-se anti-social, chama-se de retrocesso, e não a creio digna dos cavalheiros a cujo cargo está a redacção do *Argos*, os quaes se quizerem usar melhor dos recursos que lhes ministra a sua intelligencia, bem pódem, sem descer a taes miserias, advogar a causa do partido a que se ligaram.

O *Argos* tambem accusa os portuguezes de se ingerirem nas contendas politicas do seu paiz; assim como de, no Pará, em Caxias, e Pernambuco terem-se organisado militarmente, e combatido nas fileiras do governo contra o que elle chama *cohortes populares e exercitos nacionaes*; mas o que nesta accusação ha de verdade, antes me parece digno de louvor do que de vituperio.

(Continuar-se-ha.)

MEMORIA SOBRE ALGUNS MELHORAMENTOS POSSIVEIS DA VILLA E CONCELHO DE ALEMQUER.

(Continuado de pag. 366.)

CAPITULO IV.

Plantações uteis e agradaveis.

Os paizes melhor plantados são tambem os mais ferteis; a Normandia, a Inglaterra, a Belgica, a Lombardia são uma prova d'este principio, geralmente reconhecido e incontestavel no tempo em que vivemos.

É igualmente reconhecido que as plantações amenisam o paiz, o embellezam e o tornam sádio [1]. Quando a plantação é feita em terreno despido e inculto, a sua utilidade é ainda maior, porque dá valor ao que o não tinha de fórma alguma, e se, além d'isto, as arvores crearam interesses novos e geraes, a sua plantação vem a ser, debaixo de todas as relações, uma fortuna publica.

O terreno inculto d'este municipio, que fica entre a rua da Costa, e a rua que fica na raiz do monte, deve ser plantado de amoreiras. A saude publica, o embellezamento da villa, e o interesse de sustentar a terra em tal declive, pedem uma plantação alli. A qualidade do terreno, e a industria, que principia a despertar a attenção dos habitantes da villa, pedem que a plantação seja de amoreiras. Basta indicar esta idéa, a extensão dos effeitos da sua realisação é facil de prever a quem conhecer quanto o terreno é proprio para a plantação das amoreiras, e quanto o paiz é apto para a creação do bicho da seda.

A costa do lado do norte desde o viso do monte, e antigas muralhas, até á ponte de Pancas, deve igualmente ser plantada de amoreiras.

Como estas arvores, plantadas em taes logares, não tolhem a vista das casas superiores, e a offerecem agradavel ás inferiores, é provavel que escapem ao rigor que destruiu aquellas que se plantaram no largo do Espirito Santo. Os destruidores d'estas não hão de proferir, ao aspecto da plantação, as costumadas palavras de *Addison*, em similhantes casos: « *Alli passou um homem util* »; mas consentirão que as arvores vegetem, longe da sua passagem, e do alcance do seu ferro destruidor.

CAPITULO V.

Hospital, casa da Misericordia.

O quarteirão do convento de S. Francisco, que está voltado ao norte, e fórma um extenso quadrilongo, é todo edificado depois do terremoto. Os baixos que, na fórma indicada, deveriam ser aulas publicas, estão separados por bem construidas abobadas, e tem a entrada pelo claustro no lado do sul. O pavimento superior, separado das aulas por excellentes madeiras, deveria ceder-se á Misericordia d'esta villa para transferir para alli o hospital. A antiga enfermaria do convento, ainda em bom estado, é sem comparação muito mais extensa, mais arejada e sádia do que a do actual hospital. O resto do edificio dá excellente casa para despacho da Misericordia, para botica, e mesmo para residencia do boticario, e empregados do hospital.

A casa da Misericordia tem meios de fundar uma botica boa (o que é de grande vantagem para o estabelecimento e para o publico por varios motivos), e para ella obtem excellente casa n'esta mudança.

Por melhor conveniencia do hospital, e para se deixar absolutamente separado das aulas e residencia do parocho, deveria a sua entrada fazer-se na cabeça do quadrilongo, pela janella rasgada que está voltada ao nascente, e dava por este lado luz á livraria, o que seria muito facil, demandando-se sómente a construcção d'uma escada exterior de poucos degráos, em um angulo, encravada em duas paredes. Ao longo da parede do lado do norte deveria ceder-se para a botica, e desafogo dos convalescentes, uma parte da cêrca.

A Misericordia tem meios de fazer os necessarios reparos, principalmente cedendo-lhe o governo para isso a actual casa da cadêa, segundo vou lembrar no capitulo seguinte.

Pela adopção das medidas até aqui lembradas vem a conservar-se e a converter-se em utilidade publica o sumptuoso templo e edificio de S. Francisco, que ameaça de vir a ser um montão de ruinas dentro em poucos annos, se se conservar abandonado.

CAPITULO VI.

Transferencia da cadêa e casa das audiencias para o actual edificio da Misericordia; outras obras de conveniencia publica.

De todos os edificios publicos desta villa é a ca-

[1] As folhas das arvores absorvem o gaz acido carbonico que entra na composição do ar que respiramos, e que não entretem a vida. Este gaz, quando é demasiado, asphixia e mata. As arvores, ao passo que absorvem do ar esta parte venenosa ao homem, augmentam o oxigenio que é a parte do ar mais propria para a respiração e boa saude. Em igualdade de circumstancias, será mais sádia a cidade que tiver maior numero de praças plantadas de arvores. Londres tem um cento de praças espaçosas, quasi todas plantadas, largos *parks*, ruas orladas de arvores, e é agora a mais sádia das differentes capitaes da Europa, onde os nascimentos e obitos estão em proporção mais favoravel à humanidade.

dêa o unico insufficiente. A casa da camara, a da administração, a das audiencias, são edificios commodos, e, mesmo, ricos; mas a cadêa seria reprovada por todo o homem de pensamento, ainda em um concelho de ultima ordem, onde houvesse poucos presos, e esses raras vezes. Em uma cabeça de comarca não póde tolerar-se tal cadêa sem inconveniencia do judicial, que se priva muitas vezes de fazer remover os presos de outros concelhos da comarca para este; e sem offensa da moral, da equidade e da justiça, porque ter presos nella por tempo longo poderia equivaler a sentencial-os a pena ultima! Estreita, sem entrada sufficiente para o ar, longe da agua, sem nella se poder accender lume, porque o fumo suffocaria os presos, sem despejos para immundicies; além de tudo isto, situada em logar retirado e sujeita por tanto a arrombamentos, que repetidamente se tem verificado, é incontestavelmente um dos carceres mais horrorosos e inconvenientes que póde imaginar-se.

Em parte nenhuma a philantropia poderia tolerar um tal flagello, mas ainda menos em uma cabeça de comarca, onde afflue maior numero de presos, e onde este mortifero carcere póde ser facilmente substituido por outro que, com pouca despeza, viria a ser um dos melhores do reino.

A casa actual da Misericordia póde, logo que este estabelecimento seja transferido para S. Francisco, tornar-se em excellente carcere. Edificada em uma rampa, e, por outras circumstancias da sua construcção, difficil de ser arrombada; abrigada do norte com o rochedo; recebendo desde o telhado até ao alicerce o beneficio do meio dia e nascente; com tres pavimentos, sendo cobertos de abobada o primeiro e o segundo, podendo todos ter grade para a igreja da Misericordia, que, pela sua peculiar construcção, está muito propria para servir de capella aos presos, parece ter sido talhada para um tal destino.

Ha, porém, outras circumstancias que mais recommendam ainda esta transferencia: o terceiro pavimento fica ao nivel da rua que passa ao norte do edificio, e por lá tem a entrada; não é difficil, nem muito despendioso metter agua nesta projectada cadêa. A camara tem a fazer sómente a despeza do encanamento, porque o sr. *Francisco Solano*, actual vereador, e homem zeloso do bem publico, me disse que daria a agua que tem n'uma sua propriedade, e juntamente a licença para abertura do necessario encanamento, afim de se construir uma fonte no bairro alto, obra muito conveniente por não haver nenhuma fonte neste bairro, nem no resto da villa nas occasiões de cheias Fazendo-se esta na rua ao norte da actual casa da Misericordia se poderia metter na projectada cadêa os sobejos para limpeza dos canos.

A casa offerecia tres pavimentos para differença de sexos e crimes, seria segura, limpa, arejada, com capella; além de tudo isto ha nella uma excellente sala para audiencias, com a qual teria a cadêa communicação interior, e ainda haveria morada para o carcereiro. Circumstancias todas muito attendiveis, por motivos que não é necessario desenvolver.

A parte inferior da actual casa da audiencia é um quartel que a camara fez para tropa em uma casa publica, coberto com excellente abobada. Por de cima do quartel, e com differente entrada, está a casa das audiencias; logo que estas fossem transferidas poderia a camara dispôr da casa, cujo valor excede a despeza necessaria para a construcção do cano que deve trazer agua ao bairro alto.

Com os melhoramentos que hão de resultar destas medidas propostas, com os trabalhos que se esperam na antiga fabrica já vendida, com a communicação desta villa com o porto de Villa Franca, com os passageiros para a freguezia de Olhalvo, e limitrophes, não será difficil estabelecer uma companhia que sustente diligencias entre Alemquer e Villa Franca, tirando vantagem da excellente estrada que as liga. Por este modo haveria correio diario entre Alemquer e Lisboa. A companhia de diligencias, encarregando-se do transporte das malas, e recebendo o que o correio paga a um terceiro por esta conducção, tiraria um juro superior ao do capital de um conto de réis; circumstancia que deve entrar nos calculos dessa companhia, e que seria muito favoravel aos interesses do correio e publico, que em logar de tres correios por semana teriam sete. [2]

CAPITULO VII.

Passeio publico.

Na occasião em que se tratava de vender a antiga fabrica de papel, representei pelo governo civil que a lameda fosse excluida da venda, e cedida á camara para estabelecimento de um passeio publico. Neste mesmo sentido tinha já fallado ao sr. Nazareth, que aqui veio por parte dos compradores, o qual achou acertado o meu desejo, e disse que a sociedade ou companhia assentiria a que a lameda fosse separada da venda.

Fundei a minha representação na conveniencia publica, — na circumstancia de se poder reputar a lameda logradoiro do publico, — e na idéa que ha de que pertenceu á camara, e se ignora por que titulo se diz hoje pertença da fabrica. Se os possuidores desta (o que se não receia dos actuaes) tratassem de vender a madeira, e, depois, de afforar ou vender o terreno, tentariam um inconveniente publico, e obrigariam porventura o municipio ás despezas e eventualidades de uma demanda. Tudo isto se evitaria facilmente, tendo separada a lameda no acto da venda: separação insignificante, porque (segundo a minha lembrança) foi a lameda avaliada em setenta mil reis. *(Continúa.)*

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XX.

SUA ALTEZA O INFANTE D. FRANCISCO!

(Continuado do pag. 382.)

D. Pedro, que o tractava uma hora antes

[2] Em dezembro passado officialmente toquei nesta especie, e fallei particularmente nella a alguns cavalheiros e proprietarios. Ouço que agora se projecta a sua execução.

quasi com desagrado, olhava agora para elle com profunda anciedade. Tinha-se tornado um automato, e obedecia machinalmente. Este poder visivel do padre explicava a sua influencia. Diogo de Mendonça, religioso mas não fanatico, devoto sim, mas não supersticioso, persignava-se mentalmente, e em silencio ía responsando a dignidade da corôa e os interesses do estado, offerecidos em holocausto pelos remorsos do principe ao jesuita, cuja roupeta negra era neste momento panno funebre lançado sobre o throno viuvo de rei, e sobre a monarchia privada de cabeça!

Quem visse a scena que descrevemos, não poderia negar que D. Pedro II era como se não existisse, e que durante o interregno, a sociedade de Santo Ignacio, pegando na mão passiva do rei, confirmava com ella o seu poder; porque o rei já não tinha de homem senão os terrores, e a companhia unia o arrojo á intelligencia subindo os ultimos degráus do throno, e encostando-se com orgulho ao sceptro da monarchia!

D. Pedro, com voz fraca, e olhar indeciso, voltou-se para o confessor, e perguntou:

— « P. Sebastião, disseram-se por minha intenção as trinta missas do costume? »

— « Sim, meu sr.! »

— « Deu-se esmola aos treze pobres que eu disse? »

— « Tambem se deu. »

— « A confraria de Santa Engracia já recebeu o frontal novo, que mandei? »

— « Hontem, meu sr.! E mais o sacrario de prata para S. Julião. »

— « Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento do altar!... » — exclamou el-rei, pondo-se de pé.

— « E a immaculada Conceição da Virgem Maria, Senhora Nossa! » — accrescentou o jesuita, cruzando os braços devotamente.

— « Está certo; eu rezaria as minhas Horas, faltei a alguma devoção? »

— « V. magestade é bom catholico; cumpriu todos os seus deveres. »

— « Mas estes desgostos não são naturaes... Que dia é hoje? »

— « Sexta feira, dia da morte e paixão de Jesus Christo, Senhor Nosso. »

— « Sexta feira!.. — gritou D. Pedro, fazendo-se branco e todo tremulo — Sexta feira, e v. reverendissima não me avisa?! Estou perdido!.. Aquellas perdizes, aquellas perdizes!... O que succedeu foi castigo. Comi carne á sexta feira, padre Sebastião! não cumpri o jejum, e dormi descançado na minha cama; esta gente não me diz nada de proposito. Se Nosso Senhor me chama de repente morria em peccado mortal... Que sacrilegio! Perdiz á sexta feira!.. »

— « Observo a v. magestade — atalhou o jesuita, interiormente cheio de jubilo, mas no exterior figurando-se perplexo — que é caso grave, mas... »

— « Esse *mas* custa-me pelo menos meio seculo de purgatorio! — clamou D. Pedro, passeiando agitado. — E por sua culpa, padre Sebastião, por culpa sua, Deus o sabe! »

— « É grave — tornou o confessor serenamente — mas temos remedio. »

— « Não importa, comi perdiz! E agora me recordo: não me puzeram na meza uma escama de peixe. São diabruras dos medicos, dos herejes dos medicos... Quem manda fiar-me nelles e não perguntar nada? Pequei, pequei! devia levantar-me logo. Antes comesse pão secco. Tinha a minha consciencia tranquilla. »

— « Não exagere v. magestade! O coração está puro, se peccou foi ignorancia... Entretanto, para dizer a verdade o caso parece-me intrincado... Talvez sessenta missas e uma boa esmola ás missões da propagação da fé... Emfim, aqui está o sr. Diogo de Mendonça, excellente canonista, e elle explicará a v. magestade... »

— « Pobre de mim! Eu que não valho nada!.. Aonde falla v. reverendissima citar Direito quem é tão esquecido, modestia á parte... Ha de perdoar, mas eu não fallo. »

El-rei olhou para o secretario das mercês, como o leproso do Evangelho para o medico divino. O manhoso cortezão, apesar do seu tacto e conhecimento dos homens, apesar de saber de côr o caracter e as fraquezas do monarcha, estava absorto com a scena, e não fazia senão dizer comsigo: — triste rei, a que estado te reduziram!

Quando o jesuita citou a sua auctoridade em Canones, apezar de costumado a cohibir-se, assim mesmo custou-lhe muito a conter-se, para não denunciar na physionomia o seu ardente desejo de pegar no padre pela roupeta, ir a uma janella, e baldeal-o sem confissão nem sacramentos. Comtudo, feita a profissão de humildade academica, e ferida a lancetada nos theologicos talentos do confessor, o ministro, lendo no semblante de el-rei uma ordem formal resignou-se, e subiu ao palco. Como habil comediante obrigou logo o rosto a moldar-se ás circumstancias, e os olhos a pasmarem a vista, de

modo que exprimisse uma longa e casuistica interrogação mental.

Depois da perplexidade, o secretario das mercês, enrouqueceu a voz, apontou os oculos entre o indice e o polegar, e meneando a cabeça no tremulo mais artistico, principiou a representar, o que fazia sempre, mesmo até dormindo, acrescentavam os seus inimigos.

— « Que posso dizer, em caso tão grave, escolho dos maiores doutores e gloria da igreja? » — exclamou lançando as palavras seccas e vibradas. — « Temos aqui um sabio, um theologo, um amigo espiritual de v. magestade? E quer-se que falle eu, o menos capaz de acertar! Valha-me o ceu! Em que escrupulos estou mettido. Obedeço, mas Deus sabe se é com dôr do meu coração! Direi a verdade. V. reverendissima ri-se? Pois é assim. Nunca me fez mal senão a nimia boa fé, a minha nimia boa fé!... Mas sempre affirmo, e v. reverendissima conhece-o melhor do que eu, que ha muita differença entre dogma e disciplina. Concordam todos nisto, até o padre *Molina*, aquelle grande mestre da consciencia! O jejum sendo preceito da igreja não é dogma; peccou v. magestade? De certo! Sou justo, córto direito. E até peccou bastante; entendo, porém, que o caso não pede tantos temores; e s. reverendissima o disse. Sustento eu que não; ha quem me possa contestar? Quanto á penitencia... não sei, não me pertence; tomára achal-a condigna dos meus grandes peccados, mais numerosos desgraçadamente do que os cabellos da cabeça, (e tenho bem poucos já!) por enfermidade de espirito e simplicidade de animo. Depois, como os medicos prohibiram a v. magestade. . . . »

— « Não me fallem dos medicos! » — gritou el-rei irado — Hão de metter-me no inferno. Quero despedir os medicos! »

— « Socegue v. magestade » — acudiu o confessor — « Jesus Christo deixou na sua igreja remedio para todo o genero de peccado. Quiz ouvir a opinião do sr. Diogo de Mendonça, que em Canones é o nosso mestre, e estou conforme. . . »

— « Muito obrigado a v. reverendissima! »

— « El-rei » — continuou o padre — « manda dizer sessenta missas, e para sua mortificação jejua ámanhã, sabbado de Nossa Senhora. Oito dias consecutivos não come perdiz, ou outra ave de apetite. Parece-me »—acrescentou olhando para Diogo de Mendonça — « que assim ficará tudo sanado? »

— « Pois não? E ainda temos de sobrecellente as indulgencias!? » — acudiu este com uma seriedade irresistivel. » — O caso, attenda-me v. magestade, é não comer perdiz esta semana, segundo nota s. reverendissima; e depois as missas; as missas por causa do purgatorio. . . . Isso, e uma esmóla. . . . »

— « Ás missões e aos captivos? » — interrompeu o confessor.

— « Pois a quem? Santa applicação! » — concluiu o ministro sem desengatilhar um dos musculos da face — « Sabe v. magestade que ha trovoada em Roma? Querem lá os quindenios atrazados dos bens da companhia de Jesus. E elles não são tolos; a esmola é menos má. Sua santidade ameaça o geral com as censuras. . . »

Depois do desastre das perdizes, el-rei estava de cêra. Olhando para o confessor, perguntou-lhe, tossindo:

— « O que lhe parece, padre mestre? »

— « Sou de voto que se espere! » — replicou este um pouco atalhado — « S. santidade insiste, e não é bom. V. magestade verá se os prelados da companhia devem expor-se ás censuras do papa, ou obedecer ao seu rei legitimo. . . . »

O secretario das mercês e o jesuita trocaram um lance de olhos, que valia por duas estocadas. Diogo de Mendonça conseguira o seu fim: tinha obrigado os padres a desembuçarem-se; e com a usual finura logo percebeu que o dinheiro dos quindenios sahia caro a Portugal, não se pagando senão em proveito da companhia. O confessor, obrigado a descubrir-se, meditava no modo de castigar a cilada. El-rei, olhando, ora para um, ora para outro, não dizia nada, á espera que o esclarecessem. Por fim impaciente, perguntou:

— « Então o que havemos de responder ao nuncio apostolico? »

— « Se v. magestade o manda e s. reverendissima o deseja, esperemos! Em quanto esperamos, descançamos! — disse o secretario das mercês, ladeando a posição para a levar melhor. — Se querem a minha fraca opinião, eu que em materia de escrupulos um cabello me parece um varão de ferro, estou de pedra e cal neste negocio. A curia não tem direito; e a honra da coroa ficará compromettida. . . Perdoe v. magestade se fallo a verdade, mas é o meu defeito; e deste não me curo. S. reverendissima dirá qual seja de mais utilidade para a companhia; está de dentro, e sabe muito mais. Até não ha necessidade de lh'o perguntarmos. Quem viu aquel-

les papeis de tanta sabedoria, todos escriptos do seu punho, resta-lhe admirar a firmeza de suas paternidades e contar com elles.»

—«Ora ahi teem o grande amigo, que nos arranjou o padre Ventura!—rosnava Sebastião de Magalhães, vermelho como lacre e seriamente atormentado.—Que vibora! Saberá v. magestade—disse alto—que a companhia não ha de querer senão a gloria de el-rei e o esplendor da monarchia...»

—«Eu não dizia?—exclamou logo Diogo de Mendonça com falso enthusiasmo—S. reverendissima, o nosso doutor subtil, o nosso Scotto, era incapaz de emittir voto menos auctorisado. Asseguro a v. magestade que não ha maior amigo da sua coroa. Não se pagam os quindenios! Como canonista protesto que o direito nos assiste; portuguez e vassallo fiel, ainda que morra, hei de sustentar que o contrario nos deshonra... V. magestade ordena; respondemos ao nuncio nesta conformidade? D. Thomaz de Almeida encarregou-me de receber as ordens a este respeito.»

—«Acho bem. Responda que não.»

—«Ah padre Ventura, padre Ventura!—bramiu o confessor apopletico—olha as boas obras do homemzarrão! Ficamos bonitos!»

S. reverendissima metteu a barba no peito e pousou os olhos confusos no empinado ventre; sem isto é provavel que a sua cholera se exacerbasse ainda mais, colhendo na passagem o olhar ironico e victorioso com que o ministro celebrou a sua derrota.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Mais ligeiro que os pedreiros.—O vento auxiliando as copiosas aguas que choveram no dia 22 destelhou com admiravel presteza, n'um relance, o telhado do convento de Jesus (hoje freguezia das Mercês), onde andam obras de concerto geral, que muito precisava. Descoberto o tecto tinham-se collocado provisoriamente as telhas de valadio; eis que no referido dia, á hora do descanço da gente de trabalho, os visinhos da freguezia gritavam sobresaltados pelo auxilio de Santa Barbara e mais santos advogados contra os coriscos e trovões, ouvindo o subito e temeroso estampido, com que as telhas correram a um tempo e desabaram de chofre sobre os contiguos telhados do hospital e casas da Ordem Terceira por um lado, e por outro sobre os do edificio da Academia, que igualmente ficou prejudicada com a graça do temporal, que brincou com as telhas como os rapazes com os castellos de baralho de cartas. Ouvimos dizer que o perjuizo total não se remedeia com a bagatella de 30 a 40 moedas.

Theatro de D. Fernando.—A companhia tem agradado, e é merecedora do apreço valioso da escolhida e distincta sociedade que todas as noutes se reune neste theatro.

Deus queira que o nosso malfadado theatro nacional tire deste exemplo algum incentivo para sahir do vergonhoso estado a que tem chegado.

Policia preventiva.—Ha dias faltou na loja do sr. Stampa na rua do Ouro uma bengala de valor. Não a julgavam ainda perdida, quando se apresentou na loja um official do governo civil de Lisboa perguntando se lhe faltára alguma bengala: dados os signaes competentes o sr. Stampa recebeu a bengala que pela policia tinha sido aprehendida.

Pela noticia deste facto, tivemos occasião de saber que elle resulta de um systema de policia preventiva habilmente combinado, que já tem produzido muitos effeitos, e do qual se estão temendo os ladrões que receiam não se poder impunemente utilisar do alheio. Em uma grande cidade é este o meio mais proficuo de garantir a segurança publica. Na presença dos resultados que tem vindo ao nosso conhecimento, julgamos do nosso dever louvar por este motivo as auctoridades administrativas do Districto.

Cemiterio custoso.—Calcula-se que desde a abertura do famoso cemiterio do padre La Chaise em Paris, isto é no espaço de 45 annos, se tem despendido perto de 120 milhões de francos em construcções de diversos generos, como capellas funerarias, e monumentos, cujo numero já sobe a dezeseis mil.

Luvas.—O nome que os antigos deram a este accessorio do vestuario era *chirotheca*, que quer dizer «cobre mãos.» O seu uso, que foi adoptado para resguardar do frio, e livrar das mordeduras dos insectos, é mui antigo, e foi-se generalisando entre os povos. As primeiras luvas faziam-se de couro, como de anta e cabra, e sem dedos; seguiram-se as de pelles curtidas, de panno fino, de malha de linha ou de seda etc.

As luvas que calçavam os romanos no tempo do seu esplendor eram de purpura, chamadas *ephatis*.

No oriente servia uma luva para signal de concessão de certos titulos, ou de conferir-se alguma dignidade; e no sentido contrario despojava-se da luva o individuo que era despojado da dignidade ou exauctorado.

Lançar a luva ou arremeçal-a era o mesmo que um cartel de desafio; levantal-a indicava a acceitação do duello, costume que ainda não está totalmente desterrado de alguns povos.

Antigamente era expressa a prohibição de assignarem os juizes com luvas calçadas.

Na egreja introduziu-se o uso das luvas na edade media, e generalisou-se entre todos os sacerdotes; mas o costume ficou só para o papa, cardeaes, bispos e outras dignidades.

Actualmente, como todos vêem o uso das luvas é

geral para todas as pessoas de qualquer dos sexos, e de condição ainda menos que mediana. Nas côrtes é traste de etiqueta: na de Hespanha leva-se a luva calçada só na mão esquerda, sem duvida porque os monarchas hespanhoes costumavam appresentar-se nos actos solemnes com a mão direita núa.

A inquisição em Hespanha. — O doutor William Rule colligiu dados exactos do numero das victimas da inquisição de Hespanha nos annos decorridos desde 1481 até 1525, que foi a época mais intolerante, e em que o dicto tribunal fez mais crúa guerra ao genero humano.

Recapitulando, vê-se que, em treze annos, Torquemada, inquisidor geral de Hespanha, causou a morte de 10:220 pessoas que foram devoradas pelas chammas; fez queimar 6:860 effigies de individuos que morreram nos tormentos da inquisição ou que fugiram ás suas atrozes perseguições; foram castigados com pena de infamia, confiscação de bens e prisão perpetua 97:321; de maneira que ficaram completamente perdidas 114:401 pessoas.

Segundo calculos baseados nos annaes da inquisição até 1525, época da morte do quarto inquisidor, houve 18:320 individuos queimados vivos, 9:660 em effigie ou estatua como então se dizia, 206:526 penitenciados. Ao todo 234:506 victimas da raiva ferocissima dos quatro iuquisidores geraes.

Jornaes inglezes. — Eis o numero das assignaturas dos principaes diarios politicos de Londres.

Times	38:000
Morning-Advertisser	4:950
Daily-News	3:683
Morning-Herald	3:639
Morning-Chronicle	2:915
Morning-Post	2:648
Sun	2:664
Express	2:852
Globe	1:869
Standard	1:571

Os jornaes que defendem a politica tory, *Standard*, *Morning-Post*, e *Herald*, não tem todos tres oito mil subscriptores.

THEATRO DE S. CARLOS.

Alcindor, ou o Orphão da Aldêa.

Baile phantastico em 9 quadros, original do sr. Cappon.

No domingo passado subiu finalmente á scena a dança phantastica *O Orphão da Aldêa*, composição original do sr. Cappon, segundo um programma que lhe foi dado pela empreza.

Se grande era a expectativa do publico, pelo muito que se havia fallado desta dança, grande foi por certo o effeito que ella realmente produziu. Um enredo interessante e bem conduzido, bailados graciosos, um bonito *passo* em caracter, ricas e admiraveis scenas das melhores que tem saido dos magicos pinceis dos srs. Rambois e Cinatti, e por ultimo um lindo passo a dois, *du grand genre*, dançado com perfeição pela eximia bailarina sr.ª Monticelli com o sr. Cappon; eis o complexo que grangeou á nova dança espontaneos e repetidos applausos, e a admiração geral de um publico numeroso.

E digamos em abono da verdade, que a empreza não se poupou a despezas nem a diligencias, para apresentar ao publico um espectaculo magnifico e grandioso, que não é de certo inferior aos que marcaram uma época distincta nos annaes deste theatro.

Logo no 1.º acto o publico é bem disposto por um bonito *bailado em caracter*, executado pelo corpo de baile. Temos em seguida um *passo em caracter siciliano*, pelos conjuges Cappon, que bemmereceu os applausos que lhe foram dados. É original, e engraçado, e agradou pela novidade que apresenta, e pela sua boa execução.

A acção mimica tem a vantagem de não ser tediosa; pelo contrario é sempre animada e cheia de interesse. Notamos, porém, que na distribuição dos personagens, á primeira bailarina sr.ª Monticelli, bem como ao sr. Cappon não coubesse, como devia, uma parte na acção, ficando assim limitados estes dois artistas a um pequeno *passo* no 2.º acto, e ao *passo a dous* no ultimo. Este inconveniente bem podia ter-se evitado, sem transtornar o andamento do baile, reunindo os dois papeis da *fada* e da *princeza Graciosa* em um só, e confiando este á sr.ª Monticelli, e por conseguinte o de *Alcindor* ao sr. Cappon. Esta distribuição teria sido, a nosso vêr, mais conforme á pratica estabelecida nas composições do genero francez, daria novo realce á dança, e simplificando o argumento o tornaria mais apropriado á coreographia. Á sr.ª Sophia Costanza pertenceria então o papel de *Adriano*, que representado por esta habil artista mimica, apresentaria maior interesse, e poderia mesmo ser mais desenvolvido pelo compositor. O pobre orphão da aldêa, uma princeza *encantada* e amante, o camponez *Adriano*, e a ingenua *Susette*, seriam os quatro personagens que cumpria melhor definir. Não obstante estas nossas observações, reconhecemos o merecimento desta dança, e tributamos ao seu auctor os maiores elogios.

A sr.ª Sophia no caracter de *Alcindor* vae perfeitamente; os seus gestos são sempre naturaes e expressivos, o seu porte sobre a scena é elegante e delicado. No seu genero a sr.ª Sophia é uma artista digna do maior apreço, pela propriedade e perfeita intelligencia com que representa os diversos papeis que lhe são confiados.

A sr.ª Cappon desempenha bem a sua parte mimica, e não esqueceremos a sr.ª Romilda, que dá boa conta de si, no papel do camponez *Adriano*.

O bailado do ultimo acto é bonito e de bastante effeito; o *adagio* em particular tem figurações novas, muito bem combinadas, e cumpre dizer que o corpo de baile se esmerou na sua execução.

O pequeno *passo* que a sr.ª Monticelli dança com o sr. Cappon na scena do *sonho* de *Alcindor* é gracioso, e inteiramente novo: comtudo não produz o effeito que era de esperar, talvez por estar a scena demasiadamente proxima dos espectadores, e circumscripta em um pequeno espaço. O que é na realidade admiravel é a naturalidade com que a sr.ª Monticelli,

ora sobre o palco, ora como uma *sylphide* no ar, toma sempre bellas posições, sem faltar aos mais strictos preceitos da arte. Mas, se nesta pequena parte se torna desde logo esta insigne artista credora dos applausos do publico, que diremos do magnifico *passo a dois* que dança com o sr. Cappon? Que é um dos melhores que temos visto em S. Carlos, não só pelo lado da composição, como pelo seu desempenho; e que bastaria de per si só para assegurar á sr.ª Monticelli a reputação de uma bailarina de summo merecimento, se ella nos não tivesse já dado exuberantes provas que a natureza a fadára uma das filhas mais predilectas de Terpsichore. Graça, agilidade, força, firmeza, elevação, delicadeza nos passos, desenho nas attitudes, — tudo, emfim, quanto se póde exigir de uma bailarina consummada, — tudo vemos reunido na sr.ª Monticelli.

No *adagio* do passo temos uma serie de bonitos e variados *tableaux*, alguns dos quaes são inteiramente novos, e nos surprehendem pela difficuldade que apresentam.

O publico conteve os applausos até ao fim do *adagio*, e então proromperam elles estrepitosos e unanimes de todos os lados da sala.

As *variações* são compostas de passos graciosos, e de genero diverso: em todas nos revela a sr.ª Monticelli o seu talento artistico, e em todas recebeu ella signaes inequivocos do agrado do publico.

O sr. Cappon dança com perfeição as suas *variações*, que são extremamente difficeis e de bello effeito. Os applausos geraes e repetidos que elle recebeu não só durante o passo, mas depois delle, e conjunctamente com a sr.ª Monticelli no fim da dança, são justos e bem merecidos. O sr. Cappon é um dançarino de merito distincto: foi esta sempre a nossa opinião, e cada vez nos convencemos mais da justiça com que a formámos. Dotado de uma agilidade, força, e ligeireza admiraveis, elle reune a estes dotes uma boa eschola de dança, e muito gosto não só na execução como na escolha dos passos. Do seu merecimento como coreographo, acaba elle de nos dar uma prova, que lhe é summamente favoravel. *O orphão da aldea* não é uma dança *importada do estrangeiro*, como quasi sempre acontece, foi imaginada, e composta para a nossa scena, segundo um programma da empreza, e se esta producção coreographica não está isenta de alguns pequenos defeitos, é certo tambem que tem bastante merecimento, e faz honra a seu auctor.

Resta-nos fallar das scenas, que tão poderosamente contribuiram para o bom exito deste espectaculo. Se dissermos que são dos srs. Rambois e Cinatti, temos dito quanto basta para o fazer o seu maior elogio, mas accrescentaremos que são das mais bellas que estamos habituados a ver. São oito, e cada uma dellas nos attesta o talento dos dois insignes scenographos que temos a fortuna de possuir, e que por espaço de *dezaseis annos consecutivos* tem causado a admiração não só do publico de Lisboa, como tambem de todos os estrangeiros que tem visitado o theatro de S. Carlos.

A scena do 5.º acto, que representa uma granja, tem produzido a maior impressão. É um quadro da eschóla flamenga transformado n'uma decoração de theatro. Que pensamento feliz, que propriedade e frescura de colorido, que bella perspectiva, que illusão completa ella nos apresenta! Repetidas vezes e com justiça foram os pintores applaudidos durante a representação: mas a esta scena redobraram os applausos, e foram elles tão geraes e tão prolongados, que os srs. Rambois e Cinatti, para acceder aos desejos de seus admiradores, tiveram que comparecer por tres vezes no palco a agradecer o apreço e sympathia que o nosso publico lhes consagra.

A *mise en scene* é a todos os respeitos apparatosa; o machinismo dirigido com mais acerto do que geralmente é costume. A musica foi expressamente escripta pelo sr. Francisco Norberto dos Santos Pinto, e é digna do seu auctor. Este concurso de circumstancias proporcionou pois á dança *Alcindor* ou *O orphão da aldea* o exito mais completo, deixando o publico satisfeito por ter occasião de gosar um espectaculo que por muito tempo hade ser lembrado com prazer.

D. R.

BIBLIOGRAPHIA.

O INSTITUTO — *jornal scientifico e litterario* — por Adrião Pereira Forjaz, Alexandre Braga, Antonio Nunes de Carvalho, Bernardo de Serpa Pimentel, Carlos Ramiro Coutinho, Eduardo de Serpa Pimentel, Florencio Mago Barreto Feio, Francisco Antonio Diniz, Francisco de Castro Freire, Guilhermino Augusto de Barros, Henrique Corrêa, Henrique O N'eill, Jacintho Antonio de Sousa, Joaquim Augusto Simões de Carvalho, José Ferreira de Macedo Pinto, José Freire de Serpa, José Maria d'Abreu, Levi Maria Jordão, Luiz Albano de Moraes etc. etc.

Sahirá de 15 em 15 dias, contendo cada numero 16 paginas d'impressão.

Comprehenderá artigos sobre as differentes materias que são objecto das tres classes do Instituto de Coimbra — sciencias moraes e politicas, sciencias physico-mathematicas; litteratura, bellas lettras e artes: e além disto, quando convier:

1.º A parte official do Instituto, incluindo relatorios dos trabalhos, pareceres de commissões, juizos criticos, e discursos recitados na associação.

2.º Elenchos dos cursos professados no Instituto e na Universidade.

3.º Dissertações, prelecções importantes, o movimento litterario dos diversos estabelecimentos scientificos do reino, especialmente da Universidade.

4.º Bibliographia nacional, e revista scientifica e litteraria estrangeira.

Preço da assignaiura annual, ou 24 n.os . . . 1440
Por semestre ou 12 n.os 720

Assigna-se em Coimbra na loja da imprensa da Universidade.

Pagamento para os assignantes de Coimbra — no acto da entrega do primeiro numero, e para os de fóra, adiantado.

Toda a correspondencia deverá ser dirigida, *franca de porte*, ao administrador do *Instituto*. Joaquim Martins de Carvalho, rua do Coruche n.º 22.